



A ORIGEM PRIMORDIAL DO POVO *Ijxa* ['ijha] /KARITIANA (Uma das versões)

Valdir Vegini

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: vvegini@gmail.com

Rebecca Louize Vegini

Colégio e Faculdade SAPIENS

E-mail: rebeccaamor@gmail.com

Ejowop (Jessica de Oliveira) Karitiana

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: jessicakaritiana@gmail.com

INTRODUÇÃO

No início de 2018, os dois primeiros autores deste artigo entrevistaram Jessica de Oliveira, indígena da etnia Karitiana, chamada *Ejowop* [ej'obo] em sua língua nativa, nas dependências da Universidade Federal de Rondônia onde a informante estuda como aluna do curso de graduação em Arqueologia. Transcrito o depoimento de Jessica, surgiu a idéia entre os entrevistadores e a própria entrevistada de transformar seu relato em um livro de memória de seu povo, acrescido, evidentemente, de informações provenientes de autores de pesquisas ou livros que já desenvolveram algum trabalho sobre os *Ijxa*/Karitiana. Intitulado “A saga do povo *Ijxa* /Karitiana”, o livro já está com mais de duzentas páginas e seu lançamento adiado face aos inúmeros detalhes que ainda precisam ser inseridos. Todavia, como é de praxe, seções ou capítulos de livros são prévia e frequentemente transformados em comunicações em congressos ou publicados como artigos em revistas científicas, achamos por bem divulgar, por primeiro, uma das subseções iniciais desse livro, que trata especificamente de uma versão da “Origem Primordial do povo *Ijxa*/Karitiana”, que se tornou nosso objeto de análise. Nosso trabalho pretende resgatar essa narrativa primordial no intuito de desvelar, em um primeiro momento, a cosmovisão desse povo e, em seguida, verificar as possíveis adaptações naturais ocorridas através dos tempos e/ou por conta de contatos interculturais.

Os resultados desse trabalho mostrarão que a versão da narrativa primordial desse povo apresentada por *Ejowop* [ej'obo] Karitiana contém duas personagens vitais para o surgimento dos povos da floresta e, especificamente, dos *Ijxa*/Karitiana: *Botyj* [bo'tãĩ] ou *Botanha'* [bo'tãɲɐ] e seu neto *Byjty osop aky* [bojo'tã o'sov 'kã]. O primeiro, um ser 'ser superior', é criador do cosmos e gerador de seu neto; este, por sua vez, transforma cestas de palhas em malocas e mechas de trás de seu cabelo em indígenas amazônidas. *Byjty osop aky* [bojo'tã o'sov 'kã] convive com os *Ijxa*/Karitiana por longo tempo, mas, em um dado momento, anuncia-lhes que vai morrer e que, em seguida, vai reencarna-se em uma grande ave, que não deverá, em hipótese alguma, ser abatida. Esquecidos e distraídos, os *Ijxa*/Karitiana descumprem o combinado e matam *Byjty osop aky* [bojo'tã o'sov 'kã] que surge em cima de uma oca na forma de um jaburu. Desgostoso, *Byjty osop aky* [bojo'tã o'sov 'kã] reencarna-se novamente, agora como Jesus Cristo, e pune severamente *Ijxa*/Karitiana transmitindo bens materiais e conhecimentos para os não-indígenas ou 'brancos'.

Estruturalmente, o artigo segue o formato tradicional das publicações científicas (DAY, 2002), ou seja, depois do resumo e da introdução, que estamos concluindo, dedicamos uma seção para tratar dos métodos, das técnicas e dos procedimentos metodológicos; prosseguimos com um breve levantamento bibliográfico, com a apresentação detalhada da versão da narrativa primordial dos *Ijxa*/Karitiana relatada por *Ejowop* [ej'obo] Karitiana, com a análise/discussão e as considerações finais.

1 MÉTODO(S), TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os métodos e as técnicas empregados neste artigo são idênticos aos utilizados para a elaboração do livro a que nos reportamos acima, ou seja, o método da pesquisa bibliográfica, que faz o levantamento das vozes documentadas, o método da pesquisa etnolinguística e/ou narratológica, que trata das "relações entre língua, cultura e sociedade" (BARRETO, 2010, p. 2), e a técnica da entrevista não estruturada. Os procedimentos metodológicos adotados para a coleta do objeto de análise foram iniciados com a seguinte pergunta disparadora: "Você poderia contar a sua versão sobre a trajetória do povo Karitiana desde antigamente até os dias atuais?" Por se tratar de uma pergunta muito ampla, os procedimentos metodológicos incluíram perguntas

intercaladas para facilitar a informante ir se recordando da história de seu povo. Nesse sentido, a primeira pergunta formulada após a grande pergunta disparadora foi a seguinte: “Você poderia me contar qual a origem do povo Karitiana?” A resposta dessa pergunta é o objeto de análise deste artigo.

As fontes bibliográficas consultadas e/ou examinadas, citadas direta ou indiretamente, foram proporcionais às expectativas previstas para um artigo científico e se resumem nos seguintes autores: Barreto, 2010; Bruner, 1991; Cabral, 2014; Cascudo, 1976, 1984, 2000; **Day, 2002**; Ferreira, [1959, 2005] 2008; **Dicionário Houaiss (versão eletrônica)**, Hugo, [1959] 1991; ISA, 2005/2018; *Ejowop* [ej'obo] **Karitiana, 2018**; Leão *et al.* 2004; Sagan, 2017; Silva, 1977; **Stradelli, 2009**; Teixeira e Fonseca, 2001; Velden, 2004; **Vegini, et al. 2014**.¹

Bem, melhor que muitas explicações é ‘deixar falar as vozes’, as documentadas citadas no parágrafo precedente e a voz testemunhada de *Ejowop* [ej'obo] Karitiana (2018), indígena Karitiana e coautora deste artigo.

2 AS VOZES DOCUMENTADAS E A VOZ TESTEMUNHADA

Em termos cronológicos, a primeira voz documentada, que faz alusão à crença dos *Ijxa*/Karitiana em um ‘Ser Superior’, é a de Hugo ([1959] 1991, p. 260) nos seguintes termos: ‘Os Caritiana crêem num Ser Superior, que chamam *Botanha*’ (bo'tãɲɐ). A breve caracterização dessa entidade sobrenatural, cunhada por Hugo tão somente pela expressão ‘ser superior’, é de importância extrema mais ao final deste artigo na medida em que - parece-nos – antes de 1957 (HUGO, [1959] 1991, p. 259-60; ISA, 2005/2018, p. 4; VELDEN, 2004, p. 36, nota de rodapé nº 23, e p. 37), ano em que os padres salesianos visitaram pela primeira vez as malocas dos *Ijxa*/Karitiana no rio Candeias, eles estavam ainda (relativamente) isentos de introjeções² externa e, portanto, ainda libertos do processo colonizador e da influência religiosa alienígena ou, se o leitor preferir, livres de ‘aculturação’³. Nesse sentido, reiteramos, Hugo foi muito feliz ao definir

¹ *Ejowop* [ej'obo] é o nome de Jéssica de Oliveira Karitiana na língua karitiana.

² Processo por meio do qual uma pessoa (ou grupo de pessoas) incorpora a seu pensamento valores de outras pessoas ou grupos. (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS)

³ Processo que modifica a cultura de indivíduo, grupo ou povo, que se adapta [nem sempre voluntária e consciente] a outra cultura ou dela retira traços, que, ‘imagina’, significativos. (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS)

‘**Botanha**’ [bo’tãɲɐ] tão somente como um “Ser Superior”, sem, portanto, atrelá-lo, neste momento, pelo menos, a qualquer religião do colonizador ou do religioso do além mar ou do Oriente. Nas vozes documentadas mais recentes acerca das quais tivemos acesso (2004, 2005, 2018), encontramos as seguintes caracterizações ou explicações para esse ‘Ser Superior’, que vai – ao longo do tempo – sofrendo processos protéticos (BRUNER, 1991, p. 2) avassaladores na medida em que contêm atualmente fortes evidências de empréstimos culturais religiosos judaico-cristãos, que o fazem assemelhar-se a Deus, Deus Pai Criador, Deus Todo Poderoso, criador do céu e da Terra, criador do Universo bem como gerador de seu filho Jesus Cristo.

3 O OBJETO DE ANÁLISE

No ‘tempo antigamente’, nos primórdios dos tempos (Velden, 2004, p. 18; ISA, 2005/2018, p. 6 e 12), **Botyj** [bo’tãĩ], o ‘grande chefe’, o ‘maior, chefe’, a ‘divindade criadora’ (**EJJOWOP** [ej’obo] KARITIANA, 2018), uma enorme energia natural e/ou sobrenatural, muito similar à concepção do Deus do judaísmo, do cristianismo e do islamismo, cria o cosmos⁴ ou o universo do mundo concebido pelos **Ijxa**/Karitiana. Diferente, porém, das três religiões procedentes do Oriente Médio, **Botyj** [bo’tãĩ] não cria os indígenas da floresta amazônica, nem a partir si mesmo, nem à sua imagem e semelhança, mas delega essa função, que será etiológica,⁵ a **Byjyty Uty Osop Aky** [bojo’tã o’sov’kã]. Foi assim que ‘no ‘tempo antigamente’, como relata **Ejjowop** Karitiana, um espírito encarnado, corta e separa em quatro porções mechas da parte de trás do seu cabelo, coloca em cestos grandes feitos de palha e deixa cada um desses balaios distante um do outro ao longo da mata. Impregnados pela energia sobrenatural do neto de **Botyj** [bo’tãĩ], os cestos vão se transformando em ocas e de dentro delas saem os povos da floresta amazônica, entre os quais os da etnia⁶ **Yjxa**/Karitiana. De acordo com esse relato etiológico, os **Yjxa**/Karitiana nascem, por conseguinte, das mechas do cabelo detrás de **Byjyty Uty Osop Aky** [bojo’tã o’sov’kã].

⁴ O cosmos, segundo Carl Sagan (2017, p. 14), é ‘Tudo o que já foi, tudo o que é e tudo o que será’.

⁵ Ramo do conhecimento cujo objeto é a pesquisa e a determinação das causas e origens de um determinado fenômeno; em Antropologia, as narrativas etiológicas descrevem o surgimento de um novo ser, animado ou inanimado. (DIC. HOUAÏSS)

⁶ Coletividade de indivíduos que se diferencia por sua especificidade sociocultural, refletida principalmente na língua, religião e maneiras de agir. (DIC. HOUAÏSS)

Qual teria sido, afinal, o motivo de *Botyj* [bo'tãĩ], com o seu poder cosmológico abissal, delegar a *Byjyty Uty Osop Aky* [bojo'tã o'sov 'kã] a função etiológica de 'transformar cestos em ocas' e de dentro dessas ocas fazer surgir os povos da floresta? É *Ejjowop* [ej'obo] Karitiana (2018), mais uma vez, quem nos explica:

'*Botyj* [bo'tãĩ] é tão bom e tão poderoso, que os povos da floresta ainda não chegam 'nem perto da grandeza Dele' e, por isso, é das mechas do cabelo de trás de *Byjyty Uty Osop Aky* [bojo'tã o'sov 'kã], um espírito encarnado e neto de *Botyj* [bo'tãĩ], que os *Ijxa*/Karitiana descendem.

Durante esse mesmo 'tempo antigamente', *Byjyty Uty Osop Aky* [bojo'tã o'sov 'kã] passa a viver entre os *Ijxa*/Karitiana e, similarmente ao que ocorre no cristianismo, em um indeterminado momento, *Byjyty Uty Osop Aky* [bojo'tã o'sov 'kã] avisa que vai morrer, mas que pouco depois irá voltar na forma de uma enorme ave e que, de maneira alguma, os *Ijxa*/Karitiana poderiam matá-la. *Byjyty Uty Osop Aky* [bojo'tã o'sov 'kã], de fato morre e é enterrado dentro da aldeia. Algum tempo depois (ISA, 2005/2018, p. 6 e 12), seu espírito retorna como um pássaro vultoso 'na forma de um jaburu'⁷ e pousa em cima de uma oca na aldeia karitiana. Incompreensivelmente, os *Yjxa*/Karitiana esquecem-se do aviso de *Byjyty Uty Osop Aky* [bojo'tã o'sov 'kã] e abatem a enorme ave. *Byjyty Uty Osop Aky* [bojo'tã o'sov 'kã] se vai para sempre do mundo *Ijxa*/Karitiana, não antes, porém, de punir severamente o 'pecado que nosso povo cometeu' (*EJJOWOP* [ej'obo] KARITIANA, 2018). Renasce em seguida entre os não-indígenas como Jesus Cristo e transmite aos 'brancos' (*sic*) a posse de todos os maravilhosos bens industriais e conhecimentos que presentemente os *Ijxa*/Karitiana 'cobiçam' (ISA [2005] 2018, p. 17-8): automóveis, máquinas, armas de fogo, a escrita e, por que não, a medicina. (VELDEN, 2004, p. 29; ISA, 2005/2018, p. 17-8)

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

⁷ Designação comum às aves ciconiiformes, de grande porte, encontradas em grandes rios, lagoas e pantanais; dependendo da região em que habitam, recebem outros nomes como: jabiru, tapucaja jaburu-moleque, tuiuguaçu, tuiuiú, tuiupara, tuiú-quarteleiro. (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUÏSS)

Com base na bibliografia a que tivemos acesso até a conclusão deste artigo bem como no depoimento de *Ejowop* [ej'obo] Karitiana, a narrativa primordial dos *Ijxa*/Karitiana termina por aqui e, como diz Velten (2004, p. 29), contém uma relação assimétrica ou desigual entre os indígenas e os não-indígenas, que é vista pelos *Ijxa*/Karitiana como resultado de uma escolha errada ou uma má ação (um 'pecado'), que eles próprios cometem na origem dos tempos.⁸ De modo significativo, os *Yjxa*/Karitiana, assim como o fizeram alguns líderes religiosos judeus e alguns líderes políticos romanos da época de Cristo⁹, também matam Deus (?¹⁰), ou seja, matam o 'espírito' reencarnado de *Byjyty Uty Osop Aky* [bojo'tã o'sov 'kã], que surge entre *Yjxa*/Karitiana, como previsto por ele mesmo, em forma de um pássaro de grande porte. Diferentemente, porém, dos cristãos, que vêm as portas do paraíso entreabrirem-se¹¹ após o assassinato de Jesus, os *Yjxa*/Karitiana carregam por todo o sempre (VELDEN, 2004, p. 29) a culpa de terem matado *Byjyty Uty Osop Aky* [bojo'tã o'sov 'kã], que, reencarnado em Jesus Cristo, castiga-os pelos séculos sem fim.

⁸ A 'escolha errada' ou a 'má ação' ou o 'pecado', de que fala Velden (2004, p. 29), até pode, etiologicamente, ter ocorrido na 'origem dos tempos', mas não nos resta a menor dúvida de que a narrativa primordial dos *Ijxa*/Karitiana sofre profunda transformação ou adaptação muito recentemente na medida em que o espírito de *Byjyty Uty Osop Aky* [bojo'tã o'sov 'kã] somente pode ter renascido como Jesus (vingativo, diga-se de passagem) entre os não-indígenas ou 'brancos', na melhor das hipóteses, após a chegada do colonizador (provavelmente a partir do século XXX) ou dos missionários jesuítas (possivelmente no século xxx) ou dos missionários salesianos (nos anos 50 do século XX), ou, mais que provavelmente, dos missionários fundamentalistas do SIL (na década de 70).

⁹ Conforme reza a catequese católica.

¹⁰ À época da chegada dos colonizadores europeus, os mais de mil povos indígenas das florestas (brasileiras) já tinham um rico e variado panteão de narrativas, algumas delas relacionadas a seres sobrenaturais em estreita ligação com as forças da natureza, que são imediatamente interpretadas e impostas pelos eurocêntricos (colonizadores e missionários) à luz dos seus conceitos religiosos alienígenas. *Tupã, Jaci, Guaraci, Ceuci, Anhangá, Jurupary, Sumé, Akuanduba, Yorixiriamori, Yebá Bêló, Wanadi etc.* (CASCUDO, 1976, 1984, 2000; STRADELLI, 2009; SILVA, 1977; VEGINI et al., 2014; CABRAL, 2016, p. 1-9) não são nem Deus nem deuses, nem demônio nem diabos, mas divinizados ou endemoniados pelos eurocêntricos para fins catequéticos e dominação colonial. Os autóctones temiam, respeitavam e sublimavam todas as forças da natureza, entre elas, por exemplo, a do trovão, o *tupã* ou *Tupã*. Para os missionários, porém, esse pavor dos indígenas, seja pelos raios luminosos ou pelos fortes ruídos que lhes seguiam, cai como uma pérola preciosa para suas pregações a respeito do Deus criador, todo poderoso, ameaçador, aterrorizador como consta em 'Provérbios, 10,9': 'O princípio da sabedoria é o temor de Deus' (em latim: *Initium sapientiae timor domini*). Já o *Anhangá*, por exemplo, que para os indígenas é um espírito errante, maléfico, feiticeiro etc., serve como uma luva para as intenções prosélicas cristãs para equipará-lo ao demônio ou diabo; pior ainda que o *Anhangá* é o *Jurupari*, que não retrata somente o demônio, mas o próprio mau, aquele que dá origem a outros demônios. (VEGINI, 2014, p. 43)

¹¹ Conforme reza a catequese católica.

Não nos parece fácil sugerir exegeses seguras a respeito dessa narrativa primordial e verossimilhante (BRUNER (1991, p. 4)¹²) visto que, por sua natureza, ela, evidentemente, não nos permite fazer verificações empíricas e de precisão lógica. Contudo, vamos nos arriscar a quebrar um pouco de seu encanto e de seu mistério sagrado. Nessa direção, constatamos que, em parte, a descrição de **Botyj** [bo'tãĩ] que faz Hugo ([1959] 1991) e, sem dúvida, também **Ejowop** [ej'obo] Karitiana, contém traços cosmogônicos¹³ na medida em que, tanto o **Botanha** [bo'tãɲɛ] de Hugo ([1959] 1991) quanto **Botyj** [bo'tãĩ] de **Ejowop** [ej'obo] Karitiana (2018) são o mesmo 'Ser Superior' e "Criador". Mas as semelhanças cessam por aí já que, diferente do que nos relata Hugo no final da década de 60 e **Ejowop** [ej'obo] Karitiana no ano passado, ou seja, no anos 20 do século XXI, os **Ijxa**/Karitiana herdaram e agregam a seu mundo cosmológico a cultura karitiana construída ao longo das últimas seis décadas. Desse modo, o **Botyj** [bo'tãĩ] de **Ejowop** [ej'obo] Karitiana vai muito além da do 'Ser Superior' de Hugo ([1959] 1991). Para **Ejowop** [ej'obo] Karitiana, **Ele** já não é somente um 'Ser Superior', mas 'o grande chefe', o 'maior, chefeão', a 'divindade criadora' do cosmos e, pela lógica dos humanos, também gerador potencial do seu filho ou de sua filha (não mencionados na narrativa) e de seu neto **Byjty osop aky** [bojo'tã o'sov 'kã]. A partir do seu nascimento, **Byjty osop aky** [bojo'tã o'sov 'kã] passa a desempenhar papel de personagem principal da narrativa primordial e suas ações deixam de ser cosmogônicas para se tornarem etiológicas na medida em que se voltam para a transformação de cestos de palha em ocas e de mechas dos seus cabelos de trás (colocados dentro delas) nos povos da floresta. Esse fenômeno metamorfósico não provém diretamente da criação de um ente que gera a partir da inanidade e de si mesmo como o são as criações do cosmogônicas de **Botyj** [bo'tãĩ], mas de um ser gerado, o seu neto **Byjty osop aky** [bojo'tã o'sov 'kã], que, investido de energia poderosa, é

¹² Abstraímos o termo 'verossimilhança' do ensaio de Bruner (1991, p. 4), sobre o qual assim ele se expressa: *A narrativa é uma forma convencional, transmitida culturalmente e restrita por cada nível de domínio individual de domínio e por seu conglomerado de dispositivos protéticos, colegas, e mentores. Ao contrário das construções geradas por procedimentos lógicos e científicos que podem ser destruídas por causa de falsificações, construções narrativas só podem alcançar 'verossimilhança'*. Esse vocábulo também pode ser entendido, de forma muito similar á definição de Bruner, como um atributo daquilo que parece intuitivamente verdadeiro, isto é, o que é atribuído a uma realidade portadora de uma aparência ou de uma probabilidade de verdade, na relação ambígua que se estabelece entre imagem e ideia. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Verossimilhan%C3%A7a>>.

¹³ **Cosmogonia** ou cosmogênese é um corpo de doutrinas, princípios (religiosos, míticos ou científicos) que se ocupa em explicar a origem, o princípio do universo; modelo explicativo relacionado à existência (ou seja, a origem) que seja do cosmos (ou o universo), ou da chamada realidade dos seres sencientes (perceptíveis pelos sentidos).

capaz de promover mutações sucessivas em uma realidade física pré-existente e transformá-la, como é o caso, em seres humanos indígenas amazônidas.

Também não nos parece simples classificar essa narrativa primordial ‘verossimilhante’ (BRUNER, 1991, p. 4), da forma que se nos apresenta, como sendo genuinamente da tradição oral ancestral *Ijxa*/Karitiana. Ao que nos parece, os primeiros contatos iniciais com os não-indígenas colonizadores ocorreu no século XVII e/ou XVIII (FERREIRA, ([1959, 2005] 2008, p. 46); TEIXEIRA e FONSECA (2002, p. v e vi), (talvez) com os missionários católicos jesuítas nos séculos XVII e XVIII (TEIRXEIRA, e FONSECA, 2002, p. v e vi), com certeza com os missionários católicos salesianos nos anos 50 do século XX (HUGO, 1959, p. 259-61; LEÃO *et. al.*, 2004, p. 57-9) e, sobretudo, com os missionários pastores evangélicos¹⁴ (LEÃO *et. al.*, 2004, p. 72; ISA, 2005/2018, p. 14; VELTEN, 2004, p. 24-9) fazem com que os *Ijxa*/Karitiana percam a essência de sua narrativa primordial, conservando, talvez, apenas o nome e o significado de *Botyj* [bo’tãĩ], que – parece-nos – continua sendo visto como uma entidade provida de uma ‘enorme energia sobrenatural’, um ‘Ser Superior Criador’. *Byjyty Uty Osop Aky* [bojo’tã o’soe’kã], porém, perde seu *status* etiológico e passa a ser visto, por conta de uma proselitismo avassalador, como uma personagem com características similares as de Jesus Cristo.

De todo modo, não podemos deixar de considerar que, no mundo dos mortais, estamos perenemente sujeitos a influências externas que alteram continuamente a nossa cultura e, portanto, acréscimos lexicais ou narrativos não são fenômenos exclusivos dos povos indígenas brasileiras, mas ocorrem, sem cessar, entre todos os agrupamentos humanos desde a Antiguidade, inclusive na cultura geral e atual de todos os brasileiros.¹⁵

¹⁴ Neste caso, essencialmente o evangelismo do *Summer Institute of Linguistic/SIL*.

¹⁵ Para ficarmos tão somente em um exemplo linguístico (finalizado com um ponto de interrogação para que o leitor tire lá suas próprias conclusões), observemos o que ocorre com o verbo ‘deletar’ (tão em uso no português brasileiro atual), que tem origem no verbo inglês *delete* (apagar, suprimir, remover). Na realidade, na língua portuguesa existe, desde sempre, o verbo ‘delir’ com o mesmo significado de ‘deletar’. Por que então não usamos ‘delir’ ao invés de ‘deletar’? Quem está, sub-repticiamente, impondo esse uso? Parece não haver dúvidas de que a origem dessa influência, que nos faz esquecer o verbo ‘delir’ e trocá-lo por ‘deletar’, vem do poderio econômico e comercial, mas também linguístico e bélico, dos Estados Unidos. O mais tragicômico de tudo isso é que a língua inglesa buscou na língua latina (*del-eo, del-es, del-e-re, del-e-vi, del-e-tum*) o seu verbo *delete*, o mesmo verbo latino que também deu origem ao verbo ‘delir’, presentemente em desuso no português-brasileiro. Entenda-se um barulho desses!!!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a elaboração deste trabalho, partimos do depoimento obtido de forma voluntária da falante nativa da língua indígena *Ejowop* [ej'obo] Karitiana (**Jéssica de Oliveira Karitiana**) durante uma longa conversa ocorrida **no mês de Julho de 2018 nas dependências da Universidade Federal de Rondônia, onde ela estuda. Utilizamos para esse fim o método de pesquisa etnolinguístico paralelamente ao modelo interpretativo narratológico e, graças à lucidez e competência linguísticas da informante, ela, por seus próprios méritos, tornou-se a terceira coautora deste artigo. Após transcrição e organização, o depoimento converteu-se em nosso objeto ou corpus de análise e foi examinado à luz da etnolinguística, da narratologia, de fontes bibliográficas correlatas e da técnica da entrevista semiestruturada. Tínhamos em vista resgatar a narrativa primordial do povo *Ijxa*/Karitiana para tentar desvelar, em um primeiro momento, a sua cosmovisão e, em seguida, as possíveis adaptações ocorridas através dos tempos e/ou por conta de contatos interculturais. Os resultados, como vimos, mostram que a versão da narrativa primordial desse povo apresentada por *Ejowop* [ej'obo] Karitiana contém duas personagens vitais para o surgimento dos povos da floresta e, especificamente, dos *Ijxa*/Karitiana: *Botyj* [bo'tãĩ] ou *Botanha*' e *Byjyty osop aky* [bojo'tã o'sov 'kã]. O primeiro, um ser 'ser superior', criador do cosmos e gerador de seu neto *Byjyty osop aky* [bojo'tã o'sov 'kã]; este, por sua vez, ao transformar cestas de palhas em ocas e as mechas de seu cabelo em seres humanos, povoou de indígenas a floresta amazônica. *Byjyty osop aky* [bojo'tã o'sov 'kã] convive com os *Ijxa*/Karitiana por longo tempo, mas, em um dado momento, anuncia-lhes que iria morrer e, em seguida, iria se reencarnar em uma grande ave, que não deveria, em hipótese alguma, ser abatida. Esquecidos e distraídos, os *Ijxa*/Karitiana descumpriram o combinado e mataram *Byjyty osop aky* [bojo'tã o'sov 'kã], que, reencarnando-se em um jaburu, pousa em cima de uma oca. Desgostoso pela traição e morte, *Byjyty osop aky* [bojo'tã o'sov 'kã] reencarna-se novamente, agora como Jesus Cristo, e pune severamente e para sempre os *Ijxa*/Karitiana ao transmitir bens materiais e conhecimentos para os não-indígenas ou 'brancos'.**

Do trabalho realizado conclui-se que resta ainda muito, muitíssimo mesmo, a ser pesquisado em relação às narrativas das tradições orais de todos os povos indígenas do Brasil e

suas diversas versões, mormente, em nosso caso, dos *Ijxa*/Karitiana, ponto focal desta nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, L. C. Geografia dos mitos brasileiros. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.
- _____. Dicionário do Folclore Brasileiro. São Paulo: Global, 2000.
- _____. Literatura oral no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1984.
- BRUNER, Jerome. A construção narrativa da realidade. (trad. Waldemar Ferreira Netto). The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, n. 18, v. 1, pp. 1-21, 1991.
- CABRAL, A. S. A. C. *et. al.* A linguística histórica das línguas indígenas do Brasil, por Aryon Dall'igna Rodrigues: perspectivas, modelos teóricos e achados. D.E.L.T.A., 30 especial, 2014 (513-542)
- DAY, R. A. Como escrever e publicar um artigo científico. São Paulo: Santos, 2002.
- DICIONÁRIO HOUAÏSS (VERSÃO ELETRÔNICA)
- EJJOWOP KARITIANA (Jéssica de Oliveira Karitiana, indígena Karitiana). Depoimento sobre o Povo Karitiana concedido a Rebecca Louize Vegini e Valdir Vegini nas dependências da Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, julho de 2018.
- FERREIRA, M. R. A ferrovia do diabo. São Paulo: Melhoramentos, [1959, 2005] 2008.
- HUGO, V. Desbravadores. II Ed., II VOL. Porto Velho: Edição do Autor, [1959] 1991.
- ISA - INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. Povos indígenas do Brasil – Karitiana. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karitiana>>. Versão 2005/2018.
- LEÃO, A. C. S.; AZANHA, G.; MARETTO, L. C. Estudo socioeconômico sobre as terras e povos indígenas situados na área de influência dos empreendimentos do rio Madeira (UHES JIRAU e SANTO ANTÔNIO). Diagnóstico final e avaliação de impactos nas terras indígenas Karitiana, Karipuna, Lage, Ribeirão e Uru-Eu-Wau-Wau. Brasília: s/ed., 2004.
- LIM BARRETO, E. R. L. Etnolinguística: pressupostos e tarefas. Disponível em: <www.partes.com.br/2010/07/02etnolinguistica-pressupostos-e-tarefas/#_edn1>.
- SAGON, C. Bilhões e bilhões: reflexões sobre a vida e morte na virada do milênio. [2008] 2017.
- SILVA, Alcionilio Brüzzi Alves. A civilização indígena do Uaupés. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1977.
- STRADELLI, E. Lendas e notas de viagem: a Amazônia de Ermanno Stradelli. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- TEIXEIRA, M. A.; FONSECA, D. R. História regional (Rondônia). Porto Velho: Rondoniana, 2001.
- VEGINI, V. *et al.* O monstruoso mapinguari pan-amazônico. Porto Velho: Temática Editora, 2014.
- VELDEN, V. Por onde o sangue circula: os Karitiana e a intervenção biomédica. Campinas: Unicamp, 2004 (Dissertação de Mestrado).